

***L'histoire de Poncia: um caso de literatura afro-brasileira
traduzida na França***

***L'histoire de Poncia: a case of Afro-Brazilian Literature
translated in France***

Marcela Iochem Valente

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro / Brasil
marcellaiv@ig.com.br

Teresa Dias Carneiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro / Brasil
teresadc@terra.com.br

Resumo: O presente artigo objetiva tecer algumas considerações sobre a tradução do romance *Ponciá Vicêncio*, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, para a língua francesa, publicada no ano de 2015 pela editora Anacaona, com o título *L'histoire de Poncia*. O foco do presente trabalho estará nas soluções encontradas pelos tradutores para os itens culturalmente marcados presentes no texto de partida, bem como na estruturação sintática, na paragrafação e na divisão de capítulos. Para proceder ao estudo aqui proposto, cotejaremos o texto de partida e a sua referida tradução, tomando como pressupostos teóricos algumas ideias de Javier Franco Aixelá (2003), Lawrence Venuti (1995) e Carla Melibeu Bentes (2005).

Palavras-chave: tradução; itens culturalmente marcados; literatura afro-brasileira; *L'histoire de Poncia*.

Abstract: This article aims at presenting some remarks on the translation of the Afro-Brazilian writer Conceição Evaristo's novel *Ponciá Vicêncio* into French, published in 2015 by Anacaona publisher, under the title *L'histoire de Poncia*. The focus of this work will be on the solutions found by the translators for the culture-specific items present in the source text, in the syntactic structure, in paragraphing and in chapter division. In order to proceed to the study proposed, the source text and its French translation will be collated, taking as theoretical assumptions some ideas from Javier Franco Aixelá (2003), Lawrence Venuti (1995) and Carla Melibeu Bentes (2005).

Keywords: translation; culture-specific items; Afro-brazilian literature; *L'histoire de Poncia*.

Recebido em 17 de fevereiro de 2016.

Aprovado em 9 de maio de 2016.

1 Considerações iniciais

Em 2003, pela pequena editora mineira Mazza, a escritora afro-brasileira nascida em Belo Horizonte, Conceição Evaristo, publica o seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*. Embora não alcançando grande visibilidade no Brasil em contextos hegemônicos, *Ponciá* teve três impressões e foi traduzido para o inglês em 2007 pela editora Host e para o francês em 2015 pela editora Anacaona. Mesmo não sendo considerada uma escritora canônica na literatura brasileira, a obra de Conceição Evaristo vem ganhando cada vez mais espaço em território nacional e também no exterior, através de suas traduções anteriormente mencionadas. Além de *Ponciá Vicêncio* (2003), Evaristo é autora do romance *Becos da memória* (2006), de três coletâneas de contos, *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2015) e *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016), de uma coletânea de poemas, *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), além de ter poemas e contos publicados na série *Cadernos negros*. Nos últimos anos, sua obra vem sendo tema de muitos trabalhos acadêmicos, geralmente

entre os estudiosos que se ocupam de questões de gênero e etnia, e o seu primeiro romance obteve indicação como leitura obrigatória para vestibulares de algumas instituições públicas, como o CEFET-MG e a UFMG, entre outras. Além disso, em 2015, o seu livro *Olhos d'água* foi indicado ao prêmio Jabuti, importante prêmio da literatura brasileira, na categoria “Contos e crônicas”, sendo agraciado com o terceiro lugar.

Por tratar de questões afrofemininas no Brasil, a obra de Evaristo apresenta muitos elementos culturais e históricos que são de grande importância para os enredos e para a compreensão de sua escrita, o que, indubitavelmente, traz inúmeros desafios para os tradutores. No caso de *Ponciá Vicêncio*, elementos como costumes, alimentos e bebidas, referências culturais históricas, urbanas, regionais e folclóricas são consideravelmente desafiadores no que diz respeito à tradução. Assim, o presente artigo tem como objetivo abordar algumas questões relacionadas à tradução do romance de Conceição Evaristo para a língua francesa. A partir do cotejo da tradução francesa, intitulada *L'histoire de Poncia* (EVARISTO, 2015), com o texto de partida, *Ponciá Vicêncio* (EVARISTO, 2003), serão ressaltadas as soluções encontradas pelos tradutores Patrick Louis e Paula Anacaona para alguns itens culturalmente marcados – com base nas proposições teóricas de Javier Franco Aixelá (2013) e Lawrence Venuti (1995), bem como na tentativa de agrupamento das duas abordagens e recategorização feita por Carla Melibeu Bentes (2005) –, além da divisão de capítulos e as mudanças de estruturação sintática e na paragrafação, principalmente.

2 Tradução de itens culturalmente marcados

Segundo Javier Franco Aixelá (2013, p. 193), itens culturalmente marcados, itens de especificidade cultural ou itens culturais específicos (ICE) (*culture-specific items* ou CSI, em inglês) são

aqueles itens textualmente efetivados, cujas conotações e função em um texto fonte se configuram em um problema de tradução em sua transferência para um texto alvo, sempre que esse problema for um produto da inexistência do item referido ou de seu status intertextual diferente no sistema da cultura dos leitores do texto alvo.

Esta definição tem duas consequências imediatas: 1. deixa aberta a possibilidade para que qualquer item linguístico seja um ICE, a depender de sua função no texto e de como é percebido pela cultura receptora (opacidade ideológica ou cultural, ou aceitabilidade pelo leitor médio ou qualquer agente de poder na cultura alvo); 2. o ICE pode mudar com o passar do tempo (objetos, hábitos ou valores outrora restritos a uma comunidade podem passar a ser compartilhados com outras culturas) (AIXELÁ, 2013, p. 193-194). Segundo Aixelá (2013), os ICE podem ser manipulados pelos tradutores de diversas formas, conservando ou substituindo a(s) referência(s) original(is) por outra(s) mais próxima(s) do polo receptor.

No grupo da **conservação**, encontramos as seguintes possibilidades: *repetição* (manutenção da referência original), *adaptação ortográfica* (transcrição ou transliteração, quando a referência está expressa em alfabeto diferente ou no caso de ortografia diferente de nomes próprios), *tradução linguística (não cultural)* (referência denotativa mais próxima do original, muito comum no caso de unidades de medida e moedas), *explicação extratextual* (explicação do significado ou implicações do ICE em notas de rodapé, notas de fim, glossários, comentário/tradução entre parênteses, em itálico etc.) ou *explicação intratextual* (mesmo caso anterior, só que incluída no corpo do texto). No grupo da **substituição**, estão presentes as seguintes possibilidades: *sinonímia* (uso de sinônimo ou referência paralela para evitar repetir o ICE), *universalização limitada* (quando o ICE parece muito obscuro ao tradutor e este resolve substituí-lo por algo na língua fonte mais próximo da cultura da língua de chegada), *universalização absoluta* (semelhante ao anterior, com a diferença de que a conotação estrangeira é apagada e substituída por uma referência neutra para os leitores da cultura de chegada), *naturalização* (trazer o ICE para o *corpus* intertextual visto como específico pela cultura da língua alvo, como a tradução de nomes de pessoas), *eliminação* (supressão total do item), *criação autônoma* (acréscimo de referências culturais não existentes no texto fonte), *compensação* (eliminação + criação autônoma em outro ponto do texto com efeito semelhante), *deslocamento* (deslocamento no texto de uma mesma referência) ou *atenuação* (substituição, em níveis ideológicos, de algo “muito forte” ou de alguma forma inaceitável, por algo “mais leve”).

No desenvolvimento da discussão sobre a invisibilidade do tradutor na tarefa de tradução, o teórico Lawrence Venuti (1995) apresenta

duas estratégias empregadas pelos tradutores: a *domesticação* e a *estrangeirização*. Embora os termos em questão tenham sido cunhados por Venuti, os conceitos que deram origem a eles foram anteriormente propostos pelo alemão Friedrich Schleiermacher em “Sobre os diferentes métodos de tradução” (2001).¹ Schleiermacher (2001, p. 43) aponta que, em sua concepção, há apenas duas opções ao traduzir: “ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele”. Assim, para Venuti (1995), a domesticação é uma estratégia de fluência que busca apagar a intervenção do tradutor no texto traduzido e anular a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro. Este é reescrito no discurso transparente que predomina na cultura receptora e é revestido de valores, crenças e representações sociais dessa cultura. No processo de reescrita, a busca da fluência realiza um trabalho de aculturação que domestica o texto estrangeiro, tornando-o inteligível (no sentido de acessível, familiar) para o leitor do texto traduzido. Já a tradução estrangeirizadora é a estratégia oposta, de resistência, que impede o efeito ilusionista de transparência no texto traduzido e torna visível o trabalho do tradutor, que tem função política e cultural, e ajuda a preservar a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro ao produzir traduções com elementos que podem ser estranhos, pouco familiares, ao leitor da cultura de recepção, demarcando os limites dos valores dominantes na cultura da língua meta (VENUTI, 1995). É importante ressaltar que empregar a estratégia de estrangeirização não significa produzir traduções “truncadas” e não fluentes, mas sim, traduções que respeitem uma ética da diferença e que mantenham “o outro” visível no texto traduzido.

Venuti (1995) atenta para o fato de que uma tradução, geralmente, é considerada aceitável para o senso comum se o texto puder ser lido como se tivesse sido escrito na própria língua do leitor, já que esse, na maioria das vezes, sequer considera o fato de aquela produção ter sido proveniente de outra língua. Em se tratando de redatores e revisores, uma tradução é considerada aceitável, segundo o autor, apenas quando sua leitura é fluente e há a ausência de qualquer característica da língua estrangeira que cause estranhamento na língua de chegada (VENUTI, 1995, p. 123). Venuti ainda observa que os próprios tradutores acreditam,

¹ Original publicado em 1813.

muitas vezes, que o trabalho da tradução deve ser apagado, e caso isso não aconteça, é porque “o texto traduzido não satisfaz o critério da fluência” (VENUTI, 1995, p. 111) que se exige de um texto traduzido. O teórico acredita, porém, que é necessário haver certa visibilidade do tradutor, que pode e deve se fazer visível através de prefácios, notas do tradutor, paratextos em geral e também de uma estratégia mais estrangeirizante no processo de tradução, que permita ao leitor enxergar o texto traduzido como uma tradução, como um texto proveniente de outra língua/cultura (VENUTI, 1995, p. 123) e, assim, também ter a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a cultura do outro através da tradução.

Carla Melibeu Bentes (2005) busca agregar as duas abordagens – de Aixelá (2013) e Venuti (1995) –, acrescentando à tendência domesticadora e estrangeirizadora a *tendência híbrida*, por considerar que esta é a seguida pela maioria dos tradutores, por agregar traços de uma e de outra, em momentos diferentes. A pesquisadora reagrupa as categorias propostas pelos teóricos supracitados e cria algumas novas. Assim sendo, na *tendência domesticadora*, Bentes (2005) agrupa 1. *tradução integral do nome próprio*, 2. *tradução linguística* (categoria criada por ela, abrangendo casos nos quais os tradutores têm à sua disposição equivalentes no léxico da língua de chegada, não contemplando ocorrências de topônimos e antropônimos), 3. *naturalização*, 4. *exclusão*, e 5. *tradução explicativa ou perífrase lexical* (universalização limitada e absoluta). Na *tendência estrangeirizadora*, a pesquisadora inclui a *repetição* (com ou sem itálico) e, na *tendência híbrida*, a *explicação intratextual* e a *tradução parcial do nome próprio*. Na proposta de tendência híbrida de Bentes (2005), nós incluiríamos também a *explicação extratextual*, já que essa estratégia mantém o elemento estrangeiro no texto e traz uma explicação, que pode estar em nota de rodapé ou de fim, por exemplo, com o intuito de tornar aquele item inteligível para o leitor da cultura de recepção.

A seguir, à luz do aporte teórico aqui exposto, observaremos como alguns itens culturais específicos, principalmente aqueles pertencentes ao campo da culinária, topônimos, antropônimos e referências culturais históricas, urbanas, regionais e folclóricas, selecionados de acordo com o critério da significatividade, foram tratados pelos tradutores, na tradução francesa de *Ponciá Vicêncio*.

2.1 Alimentos e bebidas

No campo semântico dos alimentos e bebidas, percebe-se que os tradutores lançaram mão de procedimentos diversos.

Estratégia	Texto de partida (EVARISTO, 2003)	Tradução (EVARISTO, 2015)
Repetição (em itálico)	pequi (p. 13)	<i>pequi</i> (p. 17)
Repetição (em itálico) com explicação intratextual	pés de coco-de-catarro (p. 13)	palmiers <i>coco-catarro</i> (p. 17)
Repetição (em itálico) com explicação extratextual	fêijão (p. 24)	<i>feijão</i> (p. 28), com nota de rodapé: “haricot noir, aliment de base de la cuisine brésilienne”. ²
	angu (p. 54)	<i>angu</i> (p. 56), com nota de rodapé: “sorte de purée de maïs”. ³
Sinonímia	pinga (p. 44)	cachaça (p. 47)
Universalização absoluta	biscoito frito (p. 15)	beignet (p. 20)
	garrafada (p. 28)	tisanes (p. 31)
	broa de fubá (p. 36)	gateau de maïs (p. 39)
	rapadura (p. 36)	pain de sucre (p. 39)
	melado de rapadura (p. 59)	caramel collant (p. 62)
	pinga (p. 96)	alcool fort (p. 97)

Chama atenção a escolha dos tradutores pela não tradução do alimento *feijão*, já que existe equivalente na língua francesa, como consta na nota de rodapé: *haricot noir*. Talvez a explicação para essa escolha

² “Feijão preto, alimento de base da culinária brasileira” (Tradução nossa).

³ “Tipo de purê de milho” (Tradução nossa).

seja o fato ressaltado na nota de rodapé de que feijão é um prato de base da culinária brasileira, enquanto que o *haricot noir* não o é para os franceses. Um prato típico francês, o *cassoulet*, é feito à base de um tipo de feijão branco. Em sua origem uma iguaria tradicional de uma região específica, Languedoc, hoje é conhecido no país todo, assim como no exterior. Contudo, não se trata de um prato do dia a dia dos franceses, assim como o feijão é dos brasileiros.

Outra observação interessante é a escolha de se traduzir *pinga* por “cachaça”, recorrendo-se à sinonímia, e, depois, por “alcool fort”. Podemos imaginar que as duas escolhas não tenham tido uma intenção específica, sendo fruto, talvez, de uma falta de harmonização, advinda de uma revisão menos rigorosa. A escolha pelo termo *cachaça* em português, sem itálico, explica-se pelo fato de que na França atualmente a bebida se tornou mais conhecida, por causa da popularização da caipirinha feita com cachaça. Este é um exemplo interessante de um ICE que, com o passar do tempo, passou a ser compartilhado com outras culturas, afastando a necessidade de lançar mão de outros recursos de conservação ou substituição.

Os outros três exemplos de termos que sofreram universalização absoluta na tradução foram *biscoito frito*, *garrafada* e *melado de rapadura*. O primeiro foi traduzido por “beignet”, que é mais próximo do sonho de padaria brasileiro, mas guarda alguma semelhança com o biscoito frito, ou bolinho de chuva, por ser igualmente frito e passado no açúcar. Já na tradução de *garrafada*, houve uma mudança de sentido um pouco mais forte, com vistas a aliviar a carga cultural de partida. A acepção do dicionário *Aurélio* que caberia no contexto seria a quarta: “beberagem de curandeiro aplicada como remédio” (GARRAFADA, 1999, p. 971). Já *tisane* é “bebida contendo uma fraca proporção de uma substância medicamentosa vegetal (obtida por maceração, solução, infusão ou decocção de plantas na água)” (TISANE, 1993, p. 2258).⁴ *Tisane*, portanto, é uma espécie de chá fraco com objetivo medicamentoso, distinguindo-se da beberagem que, normalmente, é uma bebida forte preparada por curandeiro, muitas vezes fazendo parte de rituais.

⁴ “Boisson contenant une faible proportion d’une substance médicamenteuse végétale (obtenue par macération, solution, infusion ou décoction de plantes dans de l’eau)” (Tradução nossa).

Por último, “caramel collant” foi a tradução menos marcada em termos culturais de todas, por se tratar de um tipo de caramelo duro e crocante utilizado para fazer cobertura ou recheio de sobremesas, nada que faça referência, nem de longe, a melado de rapadura.

2.2 Antropônimos e topônimos

No quesito antropônimos e topônimos, os recursos utilizados foram menos variados. De modo geral, o procedimento utilizado no caso dos antropônimos foi a repetição. Todos os nomes da família de Ponciá e dos amigos continuam iguais, sem o que John Cunnison Catford chama de “tradução fonológica” (CATFORD, 1980), isto é, substituição da fonologia da língua-fonte por fonologia equivalente na língua meta. Este recurso foi fartamente utilizado pelo tradutor de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, Jacques Thiériot (como, por exemplo, Macunaíma → Macounaíma, Piaimã → Piaïman, Araguaia → Aragouaïa), com vistas a manter a “sonoridade” dos nomes do texto de partida na tradução, apesar de ser uma estratégia mais rara em tradução (ver CUNHA, 1999, p. 114). Os procedimentos mais utilizados na tradução quanto ao nome próprio de pessoas foram a repetição e a naturalização (este último outrora muito utilizado, principalmente na tradução infantojuvenil, mas que, mesmo nesse nicho, vem caindo em desuso). No caso de *Ponciá Vicêncio*, porém, como apontado anteriormente, a repetição foi a estratégia escolhida para a grande maioria das ocorrências de antropônimos.

Há, contudo, em *L’histoire de Poncia*, uma exceção: o nome da prostituta Bilisa, que é escrito com *z* na tradução. Qual seria a possível razão para a modificação? Difícil saber, pois não parece se tratar de uma naturalização, já que este nome não é comum nos países de língua francesa, tampouco no Brasil. Improvável pensar em tradução fonológica neste caso, já que nenhum outro antropônimo sofreu essa manipulação. É mais provável, portanto, pensar em uma preferência idiossincrática dos tradutores.

Quanto aos topônimos, podemos perceber que, normalmente, houve a repetição dos termos utilizados na língua fonte, como no caso de *favela do Rato Molhado* no texto de partida, que é repetido tal e qual na tradução, acrescido de uma nota de rodapé, que explica: “Littéralement, ‘favela du rat mouillé’. Le lecteur devinera aisément pourquoi” (EVARISTO, 2015, p. 92).⁵

2.3 referências culturais históricas, urbanas, regionais e folclóricas

Neste quesito, são usados procedimentos diversos, exemplificados abaixo.

Estratégia	Texto de partida (EVARISTO, 2003)	Tradução (EVARISTO, 2015)
Tradução parcial (tradução + repetição sem itálico com explicação extratextual)	coronelzinho (p. 17)	Petit coronel, com nota de rodapé: “Titre donné aux chefs politiques ou aux fazendeiros, c’est-à-dire aux grands propriétaires terriens, sans rapport avec la hiérarchie militaire”. ⁶
	“Lei Aurea” (p. 48)	Loi Aurea, com nota de rodapé: “Loi du 13 mai 1888 signée par la princesse Isabelle, fille de l’empereur Dom Pedro II du Brésil. Elle mit fin à l’esclavage au Brésil”. ⁷
Explicação intratextual	lágrimas de Maria (p. 36)	en l’honneur des larmes de douleur de la Sainte Vierge Marie (p. 39) ⁸

⁵ “Literalmente, ‘favela do rato molhado’. O leitor adivinhará facilmente a razão” (Tradução nossa).

⁶ “Título dado aos chefes políticos ou aos fazendeiros, isto é, aos grandes proprietários de terra, sem relação com a hierarquia militar” (Tradução nossa).

⁷ “Lei de 13 de maio de 1888 assinada pela princesa Isabel, filha do imperador Dom Pedro II do Brasil. Ela pôs fim à escravidão no Brasil” (Tradução nossa).

Repetição (em itálico) com explicação extratextual	angorô (p. 13)	<i>angorô</i> (p. 17), com nota de rodapé: “Divinité de la mythologie Bantu et Yoruba (ethnies africaines), prenant l’apparence d’un serpent dont le cuir est coloré, comme l’arc-en-ciel. Elle est alternativement de sexe masculin ou féminin”. ⁹
Repetição (sem itálico) com explicação extratextual	fazenda (p. 17)	fazenda (p. 21), com nota de rodapé: “Grande propriété agricole au Brésil”. ¹⁰
Transposição + itálico	quilombola (p. 83)	des <i>quilombos</i>
Universalização limitada	sinhô-moço (p. 17) senzala (p. 17)	ti-maître (p. 21) rue cases-nègres (p. 22)

Observa-se que *ti-maître*, uma corruptela de *petit maître*, é uma denominação advinda do francês haitiano para designar os filhos dos senhores de escravos. Já *rue cases-nègres* é uma denominação advinda do francês da Martinica, indicando as habitações dos negros feitas de madeira e palha e alinhadas numa rua. O que os tradutores fizeram aqui foi semelhante à estratégia empregada por Jacques Thiériot, na tradução de *Macunaíma*, para encontrar equivalentes não existentes no ambiente francês europeu, recorrendo a expressões do francês das ex-colônias (no caso de *Macunaíma*, principalmente as Antilhas). As

⁸ “Em homenagem às lágrimas de dor da Santa Virgem Maria” (Tradução nossa).

⁹ “Divindade da mitologia bantu ou ioruba (etnias africanas), que toma a aparência de uma cobra cuja pele é colorida, como um arco-íris. Pode ser às vezes do sexo masculino ou feminino” (Tradução nossa).

¹⁰ “Grande propriedade agrícola no Brasil” (Tradução nossa).

soluções encontradas – verdadeiras transposições culturais – perdem em “fidelidade” em relação ao texto de partida, mas possuem a vantagem de não retratar uma realidade europeia, mantendo o estranhamento necessário, sem descaracterizar totalmente a cultura fonte.

Antes de passarmos para o próximo item, é interessante observar ainda as traduções apresentadas para as palavras *saudade* e *morro*. Em relação a *saudade*, os tradutores optaram por manter o vocábulo em português, apresentando-o às vezes em itálico (como em EVARISTO, 2015, p. 39, 77) e às vezes sem itálico (como em EVARISTO, 2015, p. 57). Imagina-se que isso pode ter sido uma falha de revisão e de harmonização e não exatamente uma escolha intencional. Na primeira vez em que o vocábulo aparece, há uma nota de rodapé: “Sentiment mêlant nostalgie, manque, regret, mélancolie, bonheur et malheur... La saudade ne s’explique pas, ele se vit...”¹¹ Essa nota de rodapé tem um tom mais poético e menos analítico ou explicativo, diferenciando-se das outras notas da edição. A palavra *saudade* já é conhecida por alguns nos países estrangeiros como sendo uma palavra no português que não possui equivalentes satisfatórios em tradução para outras línguas, o que pode explicar de certa forma o tom poético da nota de rodapé.

Quanto ao vocábulo *morro*, os tradutores traduziram por “morne”, mas tiveram o cuidado de acrescentar uma nota de rodapé explicando que essa palavra faz menção não somente ao acidente geográfico, mas também ao lugar que abriga favelas nos espaços urbanos (inclusive dando explicações sobre o tipo de casa que é construído nas favelas),¹² o que mostra que possuem conhecimento da cultura brasileira e que levaram em conta esse conhecimento na tradução.

¹¹ “Sentimento que mistura nostalgia, falta, arrependimento, melancolia, felicidade e infelicidade... A saudade não se explica, se vive...” (Tradução nossa).

¹² “Géographiquement, il s’agit d’une petite colline.. Dans les villes du Brésil, les mornes (ou morros) sont souvent synonymes de favela: ces espaces interdits à la construction ont été envahis illégalement par les plus pauvres, qui y ont construit leurs bicoques, d’abord en bois puis en dur” [Geograficamente, trata-se de uma pequena colina. Nas cidades brasileiras, os morros são, com frequência, sinônimo de favela: esses espaços proibidos para construção foram invadidos pelos mais pobres, que ali construíram seus barracos, primeiro de madeira e depois de materiais mais sólidos] (EVARISTO, 2015, p. 57, tradução nossa).

3 Estruturação sintática

Afora os itens culturalmente marcados, outro item que salta aos olhos de quem faz o cotejo do texto de partida com a tradução é a reestruturação sintática que muitas vezes os tradutores empreendem. No texto de partida, a preferência da autora foi com frequência por frases curtas, sem muitos conectivos, o que remete claramente ao discurso oral e à transposição do fluxo de pensamento do narrador em terceira pessoa e dos personagens. Os tradutores reescreveram o texto por vezes juntando frases, com acréscimo de pontuação ou conectivos. Destacamos abaixo somente três exemplos desse acoplamento de frases, separadas no texto de partida, para que se perceba a mudança de efeito.

Ponciá Vicêncio se lembrava pouco do pai. O homem não parava em casa. Vivia constantemente no trabalho da roça, nas terras dos brancos. (EVARISTO, 2003, p. 17) / *Ponciá avait peu de souvenirs de son père. Il n'était jamais à la maison et travaillait sans cesse aux champs, sur les terres du Blanc.* (EVARISTO, 2015, p. 21)

Naqueles dias sonhara várias vezes com o seu homem. Só não conseguia ver o rosto dele. (EVARISTO, 2003, p. 31) / *Ces derniers jours, elle avait rêvé plusieurs fois de son homme, sans parvenir à distinguer son visage.* (EVARISTO, 2015, p. 35)

Luandi admirava o Soldado Nestor. Aquele era, para Luandi, maior que o escrivão, maior que o investigador, maior que o delegado, maior que Deus. (EVARISTO, 2003, p. 68) / *Luandi admirait le soldat Nestor, qu'il jugeait plus important que le greffier, plus important que le commissaire, plus important que Dieu.* (EVARISTO, 2015, p. 70)

Outro recurso ainda mais utilizado pelos tradutores na reestruturação dos períodos foi o deslocamento de frases, como se vê no exemplo abaixo (frase em negrito).

Luandi passou o resto da noite na cela da delegacia. Chegando lá, o soldado negro chamou outro soldado. Veio um branco. Ele mandou que o branco guardasse Luandi na cela. Só trancasse o preso, não fizesse nada... Luandi concluiu que o soldado negro era mesmo importante. Era ele quem mandava. (EVARISTO, 2003, p. 70, grifos nossos)

Quand ils arrivèrent au commissariat, le soldat Noir appela un autre garde. Un Blanc. Le soldat Noir demanda à ce dernier de mettre Luandi au trou. Rien de plus. Luandi en conclut que le soldat Noir devait être important. C'était lui qui commandait.

Il passa le reste de la nuit en cellule. (EVARISTO, 2015, p. 72, grifos nossos)

Como não há regras na língua francesa que justifiquem a necessidade das alterações anteriormente apontadas, acreditamos que tais recursos tenham sido empregados pelos tradutores com o intuito de fazer com que o texto soe menos oral e/ou coloquial, embora essa seja uma característica fortemente presente no texto de partida.

4 Paragrafação e divisão de capítulos

Durante o nosso estudo, os aspectos que mais nos chamaram a atenção como diferenças entre o texto de partida e a tradução foram a quebra de parágrafos e a divisão de capítulos. O texto de partida é composto de parágrafos longos, em que há uma concatenação de ideias, sem se respeitar a regra tradicional da paragrafação de se fazer quebra de parágrafo sempre que haja mudança de assunto. A estrutura de paragrafação do texto de partida remete de novo à oralidade e ao fluxo de pensamento. No entanto, na tradução, os tradutores optaram por reconstruir os parágrafos, desta vez respeitando completamente a regra tradicional de paragrafação. O efeito disso é o de um texto mais próximo do registro escrito padrão do que o texto de partida, perdendo um pouco do efeito de oralidade, muito claro na versão em português. Eis um dos exemplos:

Quando o trem foi diminuindo a marcha e parou na plataforma, Ponciá Vicêncio apertou contra o peito a pequena trouxa que carregara no colo durante a viagem inteira. Levantou-se aflita e olhou desesperada lá fora à procura de alguém. Não divisou um rosto conhecido, experimentou um profundo pesar, embora soubesse de antemão que não havia ninguém esperando por ela. Não conhecia ninguém, nunca viera até a cidade e todos os seus parentes haviam ficado para trás. Nenhum deles havia ousado tamanha aventura. Estava escurecendo, Ponciá não sabia bem o que fazer. Caminhou rápido e alcançou o lado de fora da estação. Quis olhar para trás, mas temeu o desejo de recuo. Olhou em frente, uma imponente catedral, com suas luzes acesas, esperava pelos crentes, no final da avenida. O relógio da matriz era enorme, de longe conseguiu ler as horas. Eram seis, Ponciá tinha, então, 19 anos, sendo capaz ainda de inventar sentimentos de segurança. Caminho firme, sempre em frente, e só parou quando chegou à escadaria do templo (EVARISTO, 2003, p. 35).

Quand le train ralenti puis s'arrêta sur le quai, Ponciá Vicêncio serra contre la poitrine le balluchon qu'elle avait porté sur ses genoux durante le voyage. Elle se leva, inquiète, et jeta un regard désespéré au loin, cherchant quelqu'un. Elle ne rencontra aucun visage familier et ressentit une profonde tristesse. Elle savait bien, pourtant, que personne ne l'attendait.

Elle n'était jamais venue en ville, elle n'y connaissait personne et elle avait laissé tous ses parents derrière elle. Aucun d'entre eux n'avait osé une telle aventure.

La nuit commença à tomber et Ponciá ne sut où aller. D'un pas rapide, elle sortit de la gare. Elle craignit de flancher si elle se retournait. Alors elle regarda droit devant.

Une imposante cathédrale, toutes lumières dehors, attendait ses fidèles au bout de l'avenue. Son horloge était énorme et, de loin, Ponciá lut l'heure. Six heures. Ponciá avait dix-

neuf ans et était encore capable de se rassurer toute seule. Elle marcha d'un pas ferme, droit devant, et s'arrêta sur les marches de l'église (EVARISTO, 2015, p. 38).

Uma outra diferença que consideramos bastante marcante entre o texto de partida e a tradução diz respeito ao registro utilizado em um trecho que aparece em forma de diálogo no romance. Enquanto no texto fonte é empregado um registro informal, facilmente identificável e reconhecível pelo leitor brasileiro, os tradutores optaram por um registro formal, padrão em sua tradução.

– Senhor Luandi José Vicêncio, o senhor está empregado!
Empregado aqui na delegacia!

– Empregado? Como? Fazê o quê? Vesti farda, sê soldado?
(EVARISTO, 2003, p. 71).

– *Monsieur Luandi José Vicêncio, vous êtes dorénavant employé! Employé de ce commissariat!*

– *Employé? Comment? Pour quoi faire? Je vais porter l'uniforme et être soldat? Demanda-t-il sans bien comprendre* (EVARISTO, 2015, p. 73).

Além das questões de paragrafação e de registro, anteriormente apresentadas, na edição francesa nos deparamos com a numeração dos capítulos, o que não existe na edição brasileira. E, ainda, percebemos que a divisão de capítulos da tradução não é equivalente àquela apresentada no texto de partida. A parte de número 42 do livro em português é desmembrada na edição francesa, dando origem a quatro capítulos, de 42 a 45. A parte 42 do texto de partida é bem maior do que todas as outras do romance em português. Talvez, para deixar os capítulos com um tamanho mais uniforme, os tradutores tenham decidido desmembrar tal parte em quatro capítulos. Ou, quem sabe, para aumentar o suspense do final do livro, já que tal divisão acontece próxima ao final do romance, que possui 46 partes não enumeradas em português e 50 partes enumeradas em francês.

Por fim, vale ressaltar que ocorreram muito poucas supressões, podendo-se considerar que o texto foi traduzido na íntegra.

5 Considerações finais

Com base nas observações apresentadas neste estudo, tendo como pano de fundo as abordagens teóricas de Aixelá (2013), Venuti (1995) e Bentes (2005), podemos dizer que os tradutores de *Ponciá Vicêncio* para o francês seguiram uma estratégia híbrida, mesclando estratégias domesticadoras e estrangeirizadoras, em partes bem equilibradas. O resultado final tem, de modo geral, um “tom” muito semelhante ao do texto de partida, sem que os tradutores tenham feito uma tradução facilitadora e didática para o público francês, procurando manter itens culturais específicos, sem aplainar demasiadamente as diferenças. Ajustes singelos às expectativas do público foram feitos, sem que isso comprometesse o resultado final.

Vale a pena notar que é uma prática padrão nas traduções de textos literários advindos de países periféricos para países centrais em termos culturais, como é a França, e também como é o caso apontado por Venuti (os EUA), fazer traduções mais domesticadoras ou híbridas com tendência mais domesticadora. Isso se deve, em grande parte, às relações de poder entre os países, ou à “consumabilidade sob a ótica burguesa” como ressalta Venuti (1995, p. 117), e aos requisitos de fluência que o mercado editorial tanto preza. Como não foi isso que se percebeu na tradução de *Ponciá Vicêncio* para o francês, é importante frisar que essa tradução nada consideravelmente contra a corrente: uma tradução híbrida e bem equilibrada entre estratégias de conservação ou substituição, segundo os conceitos apresentados por Aixelá (2013), ou entre uma tradução estrangeirizadora e domesticadora, segundo os conceitos de Venuti (1995). Entre o que o mercado editorial usualmente encoraja (traduções domesticadoras) e o que Venuti (1995) preceitua (traduções estrangeirizadoras), os tradutores de *Ponciá Vicêncio* na França parecem ter alcançado um equilíbrio bastante raro, sem tornar o texto traduzido ilegível, ininteligível, “truncado”, ou excessivamente pasteurizado para um leitor estrangeiro que nem sempre tem a possibilidade de acesso à literatura de países periféricos, participantes dos jogos de poder e influência na República das Letras.

Referências

AIXELÁ, Javier Franco. Itens culturais-específicos em tradução. Tradução de Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva. *In-Traduções*, Florianópolis, UFSC, v. 5, n. 8, p. 185-218, jan./jun., 2013. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/intraducoes/article/viewFile/2119/2996>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

ANDRADE, Mário. *Macounaïma*. Tradução de Jacques Thiériot. Paris: Stock/Unesco, 1996.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 1990.

BENTES, Carla Melibeu. *Clifford Landers, tradutor do Brasil*. 2005. 97 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=6858@2>. Acesso em: 1 ago. 2015.

CATFORD, John Cunnison. *Uma teoria linguística da tradução*. Tradução do Centro de Especialização de Tradutores da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. São Paulo: Cultrix, 1980.

CUNHA, Teresa Dias Carneiro da. *As obras de Mário de Andrade traduzidas na França: história, concepção e crítica*. 1999. 293 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

EVARISTO, Conceição. *L’histoire de Ponciá*. Tradução de Paula Anacaona e Patrick Louis. Paris: Anacaona Éditions, 2015.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

GARRAFADA. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 971.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. In: HEIDERMAN, Werner (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: UFSC-Núcleo de Tradução, 2001. v. 1, p. 27-87.

TISANE. In: ROBERT, Paul. *Le nouveau petit Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1993. p. 2258.

VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor. Tradução de Carolina Alfaro. *Revista PaLavra*, Departamento de Letras, PUC-Rio, v. 3, p. 111-134, 1995.

